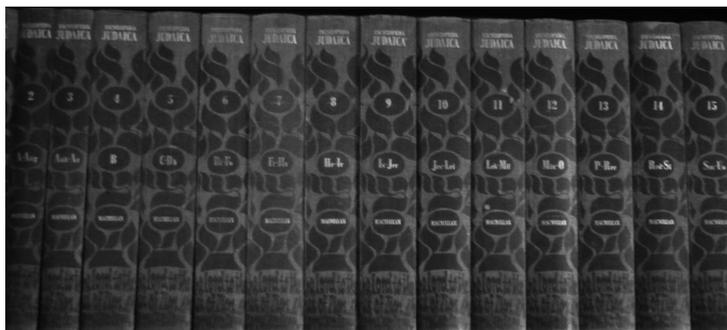


Por Mabel Teles

Laurentino Afonso foi enciclopedista, editor e revisor da *Encyclopaedia Judaica*, obra publicada no idioma inglês, quando residiu em Jerusalém. Este período foi marcado pelo desafio de reinscrir-se na vida social após mais de duas décadas dedicadas à religião católica, onde chegou a exercer o sacerdócio. Nesta entrevista, conta aos leitores da *Scriptor* sobre suas experiências no desenvolvimento da erudição, suas capacidades, acima da média, em aprender idiomas e os novos projetos no voluntariado conscienciológico voltados ao estudo da Paremiologia.



Como foram os seus estudos na juventude?

Saí de casa muito cedo. Aos 12 anos fui para o seminário menor de São Sebastião do Paraíso, MG, ano e meio depois fui transferido para Castro, PR, onde terminei o ginásio e fiz o curso clássico. Desde o primeiro ano já estudávamos Português, Grego e Latim, além das outras matérias curriculares. Sempre gostei de estudar idiomas. Aos 14 anos estudei sozinho o Alemão. Quando fui cursar a Faculdade de Filosofia, descobri que havia na biblioteca um curso de Inglês em discos antigos de 78 rotações (RPM). Ainda não tínhamos LP na época. Formamos um grupo de estudos com alguns colegas. Quando os meus amigos estavam na segunda lição, eu já estava na vigésima. Depois de 15 dias de estudos de inglês, peguei um bonde no bairro do Ipiranga em São Paulo, e fui até a Praça João Mendes, conversando em inglês com um egípcio que conheci no percurso. Ou seja, foram uns 45 minutos de conversação, e eu me saí bem. Nas questões de idiomas, o que sempre me ajudou foi a memória. Na juventude, era capaz de memorizar 300 palavras novas por dia. Sabia de cor centenas de versos da *Odisseia* em Grego assim como do poema *Tristia* de Ovídio, em Latim.

Terminada a faculdade, eu me tornei professor, sobretudo de Matemática e Português. Mas em 1961 fui enviado à França com um colega para estudar Teologia. Estávamos em alto-mar quando Jânio Quadros renunciou. Ficamos 4 anos lá, de 1961 a 1965. Nas férias do meio do ano, que duravam cerca de 4 meses, eu ia para algum país com o objetivo de aprender novo idioma. Enquanto estudava Bíblia e Teologia no *Institut Catholique* de Paris, frequentei a *École des Langues Orientales*, onde estudei Hebraico Bíblico, Aramaico, Siríaco, Ugarítico e o dialeto grego do Novo Testamento. Depois de 3 anos de estudo dos idiomas Hebraico e Aramaico recebi um diploma me habilitando a lecioná-los. Já no primeiro ano me apercebi que o foco desses

estudos era gramática e passagens escolhidas, e portanto, não teria real domínio do idioma. Pedi então, em 1962, para ir a Israel estudar Hebraico Moderno. Aprender um idioma no próprio país é muito mais vantajoso. Dois meses antes da viagem, comprei um livro de conversação e gramática de Hebraico Moderno e comecei a estudar. Quando cheguei em Haifa já sabia alguma coisa. Frequentei em Jerusalém uma escola para estrangeiros durante 3 meses e meio. Tinha aula das 8h às 12h, e conversação à tarde com uma professora que veio a ser minha cunhada 8 anos depois. Voltei de lá dominando o idioma do dia a dia. No ano seguinte fui para Londres, e pratiquei o Inglês, e depois para Alemanha. Ou seja, em 4 anos eu aperfeiçoei o Francês, o Inglês, o Alemão e aprendi Hebraico.

E quando você retornou ao Brasil?

Terminado o currículo de 4 anos, retornei ao Brasil e fui ordenado padre em 1965. Voltei então a dar aulas. Neste período resolvi fazer uma experiência de nova metodologia de ensino do idioma Francês, com um grupo de alunos. Apliquei o método direto, isto é, nos primeiros meses de aula apenas conversávamos em Francês, sem o apoio de nenhum material didático. Só depois que os alunos já haviam se habituado à pronúncia do idioma, começamos a usar livros. Distribuí entre eles, após 4 meses de aulas, gibis em Francês. Os resultados foram excelentes. As aulas iniciaram-se em fevereiro e em agosto já havia alunos lendo romance policial em Francês.

E por quanto tempo o senhor ficou no Brasil?

Fiquei por aqui apenas 18 meses, pois em janeiro de 1967, eu e um colega fomos enviados a Israel para aprofundarmos o estudo do Judaísmo. Quando chegamos em Paris, recebemos um telegrama informando que eu deveria me dirigir a Londres para substituir um padre da congregação que havia dessorado. Deste modo passei uma temporada nesta cidade, e depois segui para Israel. Cheguei lá logo após o término da Guerra dos Seis Dias, que opôs Israel a uma frente de países árabes.

Ali frequentei a Universidade Hebraica de Jerusalém. As aulas eram ministradas em Hebraico. O foco principal do curso que fazia era a *Tanakh*, Bíblia Judaica. Estudei, com um grupo restrito, Arqueologia e línguas do Oriente Médio antigo: o Acádio (os dialetos babilônico e assírio) e Sumério. O motivo destes estudos era o aprofundamento da pesquisa do contexto histórico da bíblia.

Foi aí que a minha vida começou a mudar. Quando iniciei os estudos da Bíblia no idioma original, o Hebraico, constatei muitas passagens mal esclarecidas, muitos episódios que não correspondiam à “inspiração divina”, ficava patente que as narrativas mais antigas eram justaposição de textos de diversas fontes, tradições e tendências. Entrei na chamada crise de fé. Pensei na época: “preciso parar de estudar para não perder a fé”.

Passei uns 3 dias em conflito e cheguei à conclusão que, se a minha fé não suportava a verdade, ela não valia nada. E resolvi deixar o sacerdócio. Dali em diante desenvolvi o seguinte raciocínio: “a Bíblia não era de inspiração divina, era o testemunho, o registro da fé e da história dos judeus ao longo dos séculos. Ponto.”

Mas havia um problema, eu não tinha recursos para me sustentar fora da Igreja. Saí de casa cedo, passara esses anos todos sem depender de meus pais; como, aos 30 anos de idade, iria pedir-lhes dinheiro para a passagem de volta ao Brasil? Fatos inesperados vieram ao meu auxílio.

Eu estava fazendo um trabalho para a faculdade, e me lembrei que o professor chefe do departamento de Bíblia havia escrito um artigo sobre o mesmo assunto que eu pesquisava, e resolvi citá-lo. Busquei o dito texto na revista em que ele havia publicado, mas não o encontrei de nenhuma maneira. Resolvi então telefonar para ele.

Ele me explicou que eu não encontraria o artigo, porque na época, 1942, ele ainda assinava com o seu nome russo. Esclarecidos os fatos, ele me perguntou se estava gostando da enciclopédia. Fiquei surpreso, pois não sabia a que enciclopédia ele se referia. Foi quando disse que me havia indicado para trabalhar na *Encyclopaedia Judaica*, cujo departamento de Bíblia ele coordenava. Em alguns minutos, após um telefonema, indicou-me o endereço e a pessoa com quem deveria falar. Em resumo, no dia seguinte estava trabalhando. Com o tempo, vim a saber que uma funcionária da Enciclopédia tentara me contatar por telefone várias vezes, sem sucesso, porque o padre superior do convento, ao saber o que ela queria, dizia, a cada vez que ligava, que eu estava viajando.

Deixei a vida religiosa e comecei a trabalhar com os judeus. Entrei na função de revisor, mas em menos de uma semana iniciei a escrita de verbetes. O primeiro deles foi sobre a morte. Escrevi de 80 a 100 verbetes, em inglês, e destes assinei uma meia dúzia. Os demais eram assinados Ed. (Editor). Os temas eram variados: *Imortalidade da Alma*, *Geena*, *Netherworld (Sheol, Baratrofera)*, *O Bezerro de Ouro*, e até mesmo *Caça*. O mais citado até agora é o verbete *Netherworld e Prostitution*. Os outros versavam sobre assuntos vários, especialmente assuntos relativos ao Oriente Médio Antigo. Trabalhei lá durante 2 anos. Todos os verbetes sobre Cristianismo passavam pelas minhas mãos. Eu era o único não judeu da equipe. No último ano fui assistente do redator chefe. Nesta época me casei. Depois destes 2 anos voltei ao Brasil, em função de doença da minha mãe.

Quais atividades assumiu após o retorno?

Fomos morar numa cidadezinha do interior de Minas Gerais, Conceição dos Ouros. Nos primeiros meses viajei muito, vendendo polvilho (goma) para meu irmão mais novo, que tinha uma pequena fábrica. Depois fui pioneiro nas cidades pequenas e médias da região, – onde, com exceção de Pouso Alegre, só havia vendas, armazéns ou empórios – ao abrir um mercadinho com prateleiras e caixa registradora que mais tarde se tornou supermercado. Passei literalmente 40 anos da minha vida *hibernando* naquela cidade, meu mentalsoma não embotou de vez porque lia sempre que tinha um tempinho livre. Raramente adormeci sem ler algumas páginas. Dediquei-me totalmente a este novo negócio, à sobrevivência da minha família e à assistência. Eu tinha 3 dias de feriado ao ano. Neste período não escrevi mais nada visando publicação.

Como o senhor conheceu a Conscienciologia?

Em 1975 comecei a vivenciar fenômenos parapsíquicos e busquei estudar o assunto. Em 1986, um exemplar do livro *Projeções da Consciência* veio parar em minhas mãos. Já conhecia as psicografias do Professor Waldo. Gostei do livro e fiquei sabendo da publicação do tratado *Projecciologia*. Solicitei um exemplar, que me foi enviado dias depois, sem nota fiscal nem duplicata a pagar. Telefonei para o número indicado na correspondência e a Dona Elizabeth, então esposa do Prof. Vieira, atendeu e me disse que o livro era cortesia. Identifiquei-me com as ideias da obra, tive várias projeções conscientes, mas não me dediquei muito a fazer as técnicas, pois estava muito atarefado com a sobrevivência humana e o trabalho no centro mediúnico que dirigia.

E o que aconteceu desde então, até a sua chegada ao CEAEC?

Em 2010, lembrei-me do Prof. Waldo, e pensei: o que será que ele está fazendo? Fui pesquisar na internet e me deparei com as tertúlias *on-line*, que comecei a acompanhar diariamente. Um mês depois já estava praticando a tenepes. Também mudei a metodologia dos trabalhos parapsíquicos do grupo que eu liderava em Conceição dos Ouros. Tiramos todas as imagens e bagulhos energéticos do centro e passamos desde então a estudar os fundamentos da Conscienciologia.

No ano 2010, a Maryse, minha esposa, foi visitar a família na Europa e Israel, e eu resolvi viajar para o CEAEC. No dia seguinte à minha chegada fui almoçar no refeitório do *campus*, e vi que o professor Waldo Vieira estava na mesa ao lado. Assim que ele terminou o almoço, veio conversar comigo. Depois de algumas observações, ele disse: “sabe quem te trouxe aqui?” E logo respondeu: “a consciex que foi em vida pretérita a Santa Lucia Filippini”. Hoje eu sei que esta ex-religiosa atua enquanto amparadora extrafísica dos trabalhos da Conscienciologia e é reconhecida pelo epíteto Veronesa. Em seguida fomos à tertúlia e ele me apresentou aos demais pesquisadores presentes.

Passei 15 dias no CEAEC e me inscrevi no Curso Escola do Parapsiquismo, o que me facultou voltar a Foz do Iguaçu algumas vezes para participar dos módulos.

Em julho de 2012 vim ao CEAEC com a Maryse para fazer outros cursos, e separei 2 dias para procurar residência. Nós já tínhamos decidido que iríamos morar em Foz do Iguaçu.

Foi quando o Phelipe Mansur, coordenador geral do CEAEC na época, nos apresentou o projeto dos novos chalés dentro do *campus*. Quando chegamos ao local onde seria construído o nosso, a Maryse disse: *é aqui, estamos chegando em casa*. Enfim, em 3 meses e 10 dias o primeiro dos novos chalés, o nosso, foi concluído. Mudamos residência no dia 8 de janeiro de 2013.

Como surgiu a ideia de criar a pré-IC Centro Internacional de Paremiologia?

Tudo começou com a visita do pesquisador italiano Renzo Tozi ao CEAEC. Assim que ficou confirmado que o Professor Tozi participaria do curso *Heterocrítica de Obra Útil*, no qual se estudaria seu *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*, o professor Waldo sugeriu que eu participasse desta atividade.

Li o livro antes do curso, anotando inclusive alguns erros de tradução e sobretudo de revisão do idioma Grego. Resolvi então comprar o livro no original italiano para checar se os erros eram da tradução para o idioma Português, ou se estavam no original. Os equívocos estavam na tradução para o Português.

Durante o curso, no momento dos autógrafos, entreguei as revisões feitas ao Professor Tozi, deixando-o muito agradecido. Dois dias depois, ele e a esposa foram jantar conosco em casa. Ficamos das 20h à meia-noite conversando como se fôssemos antigos amigos. O assunto básico de nossa conversa eram as imprecisões e interpretações equivocadas das traduções de obras, de modo geral.

Passados alguns dias, o professor Waldo sugeriu a criação da instituição conscienciocêntrica *Centro Internacional de Paremiologia*, convidando-me para ser o coordenador.

Já começamos a trabalhar na pré-IC, cujo materpensene é a Erudiciologia. Temos, num primeiro momento, a intenção de criar um banco de dados multilíngue de parêmias, contextualizando-as, sempre que possível, e indicando o autor ou quem primeiro as registrou. Queremos também procurar nas antigas parêmias as sementes das ideias conscienciológicas.